

Planejamento, Paisagem Urbana e Turismo: uma análise da paisagem urbana de Bonito, MS, a partir da proposta de Vicente Del Rio

Guilherme Garcia Velasquez¹

Josildete Pereira de Oliveira²

Diva de Mello Rossini³

Resumo: Diversas são as razões que levam os indivíduos a viajarem, sendo as vivências no *lócus* visitado, parte da experiência de viagem. É nesse contexto que se ressalta a importância das paisagens no processo de escolha de destino e experiência dos viajantes. Sabe-se que paisagem compreende tudo aquilo disponível ao olhar do indivíduo, podendo ser interpretada pelos diversos sentidos, já que ela contempla elementos físicos naturais e construídos, culturais e sociais, modificando-se com o passar do tempo. O município de Bonito-MS, destino de destaque para a prática de ecoturismo nacional e internacional é conhecido por suas belezas cênicas e águas cristalinas, conseqüentemente, por sua paisagem natural e edificada. A presente proposta objetiva, em especial, analisar a paisagem urbana de Bonito, baseando-se nos postulados de Vicente Del Rio (1990), a partir de uma matriz de variáveis construída pelos pesquisadores. Para sua consecução foram utilizados embasamento bibliográfico, vivência de campo e análise documental. Percebeu-se, de acordo com a proposta de Del Rio, que a paisagem urbana de Bonito não é considerada variável, tampouco complexa.

Palavras-Chave: Paisagem urbana. Turismo. Bonito-MS.

Introdução

O território brasileiro é composto por mais de oito milhões de quilômetros quadrados, possui grande diversidade de ambientes naturais, representado pela costa litorânea, rios, lagos, montanhas, florestas, planaltos, serras e depressões, com grande vocação para o desenvolvimento da atividade turística nas suas diferentes formas (EMBRATUR, 1994). Junto a este território encontra-se Bonito, um município localizado no Planalto da Bodoquena, sudoeste do estado de Mato Grosso do Sul, sítio cujas singularidades geoambientais, lhe conferem reconhecimento

¹ Doutorando em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI, Mestre em Educação pela Universidade Estadual Paulista-UNESP, Bacharel em Administração pela Universidade Paranaense-UNIPAR, Bacharel em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Norte do Paraná-UNOPAR, Professor Assistente da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul-UFMS. guigave@hotmail.com.

² Doutora em Geografia pela Université de Caen Basse Normandie, França, Mestre em Natureza, Meio Ambiente e Sociedade pela Université de Caen Basse Normandie, França, Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu - Doutorado e Mestrado Acadêmico em Turismo e Hotelaria da Universidade do Vale do Itajaí-UNIVALI. joliveira@univali.br

³ Arquiteta e Urbanista (UNIVALI). Mestre em Engenharia de Produção (UFSC). Doutora em Administração e Turismo (UNIVALI). Pós-doutoramento realizado na Universidade de Lisboa (PO). Docente dos cursos de graduação em Arquitetura e Urbanismo e Design de Interiores e do curso de mestrado em Turismo (UNIVALI). divarossini@univali.br

nacional e internacional, por conta de suas belezas naturais e ambientes aquáticos, objeto empírico desta investigação.

A água está presente em todo o material de divulgação desta região, sendo um dos atrativos turísticos existentes, devido a sua abundância, transparência e exuberância. Toda a riqueza da flora e fauna características da região, quando somadas à transparência da água, propicia a formação de paisagens peculiares capazes de justificarem a prática da atividade turística.

Sendo a paisagem um dos conceitos que norteiam este estudo, Gomez Ortiz (2001) a apresentam como porção de superfície terrestre definida por suas formas externas, na qual o homem vem atuando com maior ou menor intensidade. Tal conceito ainda se desdobra em paisagem natural e humana, de acordo com seus elementos biofísicos ou antrópicos.

A percepção da paisagem acontece de forma subjetiva devido ao fato de que o relato de sua análise está diretamente relacionado às experiências já vivenciadas e a capacidade sensorial do observador, como descreve Kevin Lynch em sua obra “A boa forma da cidade” (1981).

Compreenda-se que a paisagem em questão é proveniente da ação antrópica, a qual associa os elementos naturais aqueles provenientes das influências culturais materiais e imateriais das cercanias. A paisagem é considerada uma categoria de análise, originária do campo da geografia denominado de Geografia da Paisagem (Rocha, 2008). Assim, ela deve ser compreendida como um complexo de paisagens naturais e culturais decorrente das modificações sofridas pelos elementos naturais a partir das influências sociais, econômicas e culturais (Rocha, 2008).

2. Planejamento, Paisagem e Turismo

São várias as conceituações dadas pelos diversos autores sobre o que vem a ser a atividade turística, da mesma forma que são diversas as abordagens para sua compreensão.

O que existe de fator convergente é que a atividade turística é propiciada pela movimentação de pessoas, que se dirigem a locais distintos daqueles de sua residência, por inúmeras finalidades o que, conseqüentemente e, indubitavelmente, gera as diversas segmentações de turismo. Independentemente da razão da viagem de um determinado indivíduo, seja ela justificada pelo lazer, saúde, aprendizado, merece apontamento o fato de que o meio ambiente sempre exercerá importante papel na prática do turismo, justamente porque referida atividade apenas toma acontecimento quando da apropriação do espaço, conforme apresentado e discutido por Goeldner *et al* (2002). Para os autores citados (2002), é a existência dos elementos naturais como a água, solo, ar, rocha e a vegetação que propiciam a criação das infraestruturas e superestruturas imprescindíveis à prática e gestão da atividade turística.

A ação harmoniosa de todas essas “camadas” permite o pleno andamento da atividade, configurando, em uma visão sistêmica, o denominado Sistema Turístico, abordado por Beni (2002).

Por essa razão e, visando uma interação harmoniosa entre as diversas camadas que configuram a atividade é que são consideradas ações de planejamento responsáveis.

Entende-se por planejamento o conjunto de ações de tomada de decisões e criação de políticas que contemplem a gestão de dada realidade. Dessa forma, pode-se afirmar que planejar representa apenas parte do processo global, o planejamento como processo deve, portanto, distinguir-se de um plano, que é um conjunto de decisões para o futuro (Hall, 2004). Petrocchi (1998), em consonância, explicita que o planejamento pode ser compreendido como um curso de ação para o futuro, um conjunto de decisões interdependentes, com interesse na produção de um estado desejado, de forma com que esse processo, ainda seja capaz de permitir com que as tarefas sejam melhor realizadas e os objetivos mais facilmente atendidos. A existência de ações de planejamento é imprescindível por conta da relação de consumo do espaço, por parte da atividade turística.

Segundo Cruz (2002, p.109) “o turismo é a única prática social que consome, fundamentalmente, o espaço. A partir disso, a atividade turística acarreta mudanças e transformações em determinados elementos inseridos no espaço, principalmente nas paisagens”.

De acordo com Font (1989, *apud* Pires, 2005), paisagem e turismo acabam sendo realidades intimamente ligadas, já que a viagem representa a quebra de uma rotina. A paisagem surge, dessa maneira, como o fator que melhor indica ao turista a desejada mudança de lugar.

Entende-se por paisagem, de acordo com Milton Santos (1996), um conjunto de formas ao qual, em um determinado momento, exprimem traços que representam as relações localizadas entre o homem e a natureza.

Sendo a paisagem parte do território compreendido pelas experiências e sentidos de seu observador, ela assume importante papel para a atividade turística, representando, muitas das vezes, a própria finalidade da viagem.

Dessa forma muitos indivíduos justificam sua movimentação, viagens, devido ao interesse em vivenciar e conhecer novas paisagens.

Para Pires (2005), a paisagem é a representação física do meio ambiente, a qual vem adquirindo a posição de um recurso básico para a atividade turística, tornando-se passível de ser tanto estudada como analisada, no que tange à sua qualidade estética, já que essas são as qualidades que mais interessam ao turismo, demonstrando, assim, a indissociabilidade da relação turismo e paisagem.

Jordana (1992), também abordada por Pires (2005), enfatiza que são três as dimensões de conceito de paisagem. A mais antiga é denominada de dimensão visual, por estar relacionada aos aspectos sensitivos, seguida pelas dimensões cultural e ecológica.

3. Método de Análise

3.1 Referencial teórico

O processo de investigação sobre o conceito e a representatividade da paisagem na vida das pessoas é antigo, em especial, pelo fato de que é característica *sine qua non* do processo de vivência e desenvolvimento dos indivíduos, o contato com meio em que se inserem. Consequentemente, pode-se afirmar que, mesmo que de maneira inconsciente, o homem sempre se manteve inserido no contexto das paisagens.

Foi no final do século XIX que a paisagem ganhou um significado científico, passando a ser estudada pela escola de geografia alemã. Foi o geógrafo Sauer aquele que observou a indissociabilidade do homem para seu entendimento (Moreira, 2010). Evidencia-se, entretanto, que “paisagem” possui forte relação com o meio ambiente, e com a ação antrópica.

Santos (1996, p.61) enfatiza que “paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a visão abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e etc”. Já para Tricart (1977) é uma dada porção perceptível a um observador onde se inscreve uma combinação de fatos visíveis e invisíveis e interações as quais, num dado momento, não as percebemos senão o resultado global. Em consonância, Machado (1988) ressalta que a paisagem pode ser compreendida como tudo aquilo que está ao alcance do olhar, assim como à disposição do indivíduo, sendo o lugar onde ele vive e se orienta no cotidiano. É justamente essa vivência que permite que um local deixe de ser comum e passe a ser especial.

Em uma visão voltada ao setor “Turismo”, não é difícil concluir a importância do papel que as paisagens exercem quando os viajantes escolhem seus destinos turísticos e em suas próprias experiências de viagens.

Da mesma forma, a paisagem passou a ter representatividade como cenário de desenvolvimento de estudos. Souza (2010) explicita que independente das categorias de análise adotadas para a elaboração de um determinado estudo geográfico, a paisagem sempre aparecerá, implícita ou explicitamente, mesmo que não seja o objeto principal do pesquisador. E “portanto, a paisagem em si passou a ser vista como expressão da complexidade dos fenômenos geográficos, uma explosão entre a aparência e a essência. Materialidade e imaterialidade. Objetiva. Subjetiva. Diretamente relacionada à percepção em qualquer um dos seus níveis: mediato e imediato” (Souza, 2010. p. 44).

Considerando a paisagem parte de uma porção espacial diante do olhar de um observador, importante ressaltar a subjetividade em seu processo de entendimento.

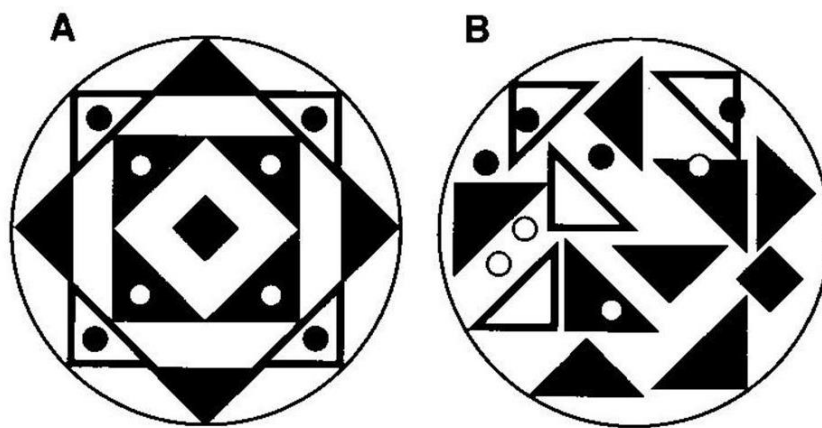
Assim, visando facilitar sua compreensão é que se toma a liberdade de apresentar dois esquemas propostos por Rocha (2008), em seu artigo Teoria Geográfica da Paisagem na Análise de Fragmentos de Paisagens Urbanas de Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.

Uma das ênfases dada pelo autor (2008), baseada na colocação de Bolós I Capdevila (1992) é que a visão sistêmica inerente à paisagem nunca deve ser reduzida à soma dos elementos que a constituem, uma vez que os mesmos aparecem dispostos, interconectados e estruturados de uma

determinada maneira, ou seja, não fazem sentido se compreendidos de forma individualizada ou reduzida.

Trata-se da maior discussão desenvolvida por Bertalanffy em sua obra Teoria Geral dos Sistemas (2012), quando enfatiza que ao se discutir a teoria sistêmica, as unidades precisam ser compreendidas por suas relações (totalidade) e não de forma individualizada (redução).

Figura 1: A paisagem, esquematicamente representada por A, nunca deve se reduzir à soma de seus elementos constituintes, representados em B



Fonte: (Rocha, 2008, p. 21), baseado em Bolós I Capdevila (1992).

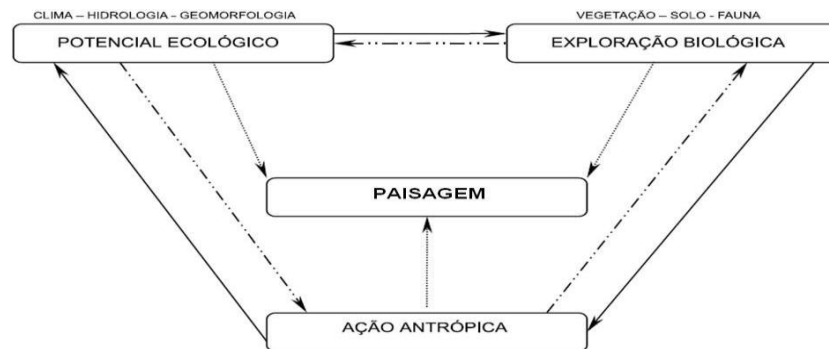
Da mesma maneira, outra condição importante para a compreensão da paisagem, discutida por diversos autores, é que a mesma pode ser dividida entre natural e cultural. As paisagens naturais são aquelas que ainda não sofreram qualquer interferência da atividade humana, enquanto as culturais são consideradas aquelas paisagens naturais que já sofreram interferência humana.

Conclui-se, dessa maneira, de acordo com Moreira (2010), que as paisagens naturais assumem um caráter quase que contraditório na atualidade, justamente pela realidade da ação humana praticamente em todos os meios.

Não obstante, a própria condição de observador da paisagem já confere ao homem, algum tipo de interação com aquele meio.

Dentro dessa perspectiva Bertrand (2004, *apud* Rocha, 2008, p.21) apresenta que a paisagem “é resultado da interação entre o potencial ecológico (combinação dos fatores geomorfológicos, climáticos e hidrológicos), a exploração biológica (conjunto dos seres vivos e o solo) e a ação antrópica”, conforme figura a seguir:

Figura 2: A paisagem como resultado da interação entre o potencial ecológico, a exploração biológica e a ação antrópica.



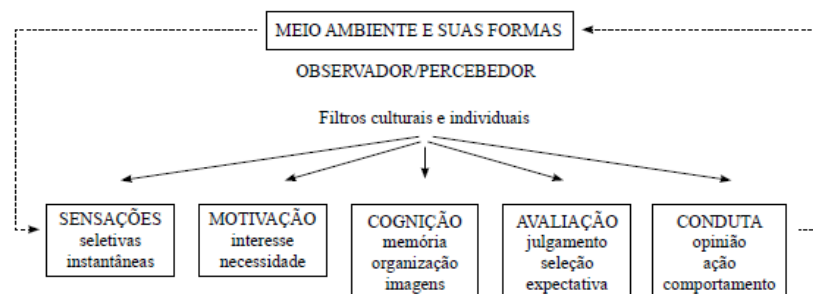
Fonte: Bertrand (2004, *apud* Rocha, 2008, p.21).

Baseando-se na tripla relação acima apresentada, conclui-se, de maneira simplista, que a paisagem é uma ação resultante da relação Ecologia, Biologia (Meio Natural) e ação humana, representada por sua cultura, política, religião, etc.

Toda a gama de relações apresentadas culmina na dinâmica e complexidade da paisagem, constantemente modificada por sua condição ambiental/natural e antrópica, algo que se relaciona à proposição de Machado (1999, p. 4), quando ressalta que “a paisagem sempre foi e continuará sendo alterada” continuamente, porque o elemento essencial à sua significação é o próprio homem e, diante dele, a paisagem está sempre apta a ser recriada, pois é “cenário de um mundo-vivido, onde as pessoas nascem, crescem, se locomovem e se orientam, tocam, cheiram, ouvem..., passam ali toda sua vida”.

Rocha (2007) ao tratar da importância do papel do homem no processo de compreensão da paisagem, faz uma analogia ao que Tuan propõe em sua obra *Topofilia*⁴, apresentando:

Figura 3- Esquema Teórico do Processo Perceptivo.



Fonte: Rocha (2007, p.21), adaptado de Del Rio (1990, p.3).

Dessa maneira, tem-se que a paisagem não trata apenas de um objeto a ser observado, já que se configura através da interação entre o objeto e o sujeito. Nesse contexto, a paisagem

⁴ *Topofilia*- o elo afetivo existente entre o ser humano e o meio ambiente físico (TUAN, 1980). Tal afirmação demonstra a estreita relação entre homem e meio.

possui a escala de tempo e espaço e é determinada, tanto pela percepção e interpretação ambiental do indivíduo, quanto pela dinâmica material dos elementos dessa paisagem. Não se trata meramente de uma realidade existente, mas também o resultado de processos do passado que sobreviveram e transformaram um dado espaço, num dado período de tempo. Por isso, a paisagem pode ser considerada como categoria de análise geográfica, considerando o fator temporal e espacial.

3.2 Procedimento de coleta de dados

Metodologicamente, pode-se dizer que este trabalho possui caráter qualitativo, considerando que as análises das paisagens urbanas em questão se deram pela observação de pontos específicos da cidade, análise de fotografias. Vale ressaltar que um dos pesquisadores/observadores residiu por 04 anos no município em questão, dedicando-se à diversas pesquisas relacionadas à atividade turística da localidade e região.

Sobre as fotografias utilizadas, pode-se dizer que foram diversas, de autores anônimos, disponibilizadas no ambiente virtual, sobre regiões comuns à área urbana do município. Buscou-se desenvolver uma análise da paisagem urbana da Avenida principal do município de Bonito-MS, denominada Coronel Pilad Rebuáh, considerada zona turística.

Não obstante, o presente trabalho, apresenta como tipos de pesquisa para sua consecução:

1. Pesquisa Bibliográfica de caráter exploratório, capaz de propiciar embasamento teórico;
2. Pesquisa Documental pertinente à temática proposta. Tal técnica de pesquisa corresponde à coleta de dados, restrita a documentos, sejam eles escritos ou não, que constituem o que se denominam fontes primárias. Dentre os documentos, foram analisadas fotografias da paisagem urbana de Bonito; e
3. Pela vivência de um dos observadores no *lócus* pesquisado, pode também ser afirmado que o estudo caracterizou-se por um trabalho de campo que corresponde à coleta de dados no *lócus* do objeto de estudo, através da observação. Pode-se dizer que a compreensão da paisagem urbana de Bonito se deu pela observação dos documentos fotográficos, bem como pela observação sistemática da paisagem existente. E também pode ser considerado como um trabalho de campo de característica participante, pelo fato de um dos pesquisadores fazer parte do universo pesquisado (Marconi; Lakatos, 2006).

3.3 Procedimentos de análise

Sobre a forma de análise da pesquisa proposta, trabalhou-se com a categoria Geográfica Paisagem, considerando que a mesma propicia o entendimento da dinâmica e dos processos dos diversos elementos que compõem uma porção do espaço.

Entende-se, de acordo com Bertrand (1972), que paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É numa determinada porção do espaço, o resultado da

combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perpétua evolução.

Assim, o método de análise de paisagem (percepção ambiental) utilizado para compreender a paisagem urbana do município de Bonito-MS, baseou-se naquele proposto por Del Rio (1990) pautado nos valores objetivos (cor, forma, textura, aeração, sonoridade, função, simbologia etc.); Imagem ambiental (mobilidade intencional-memorização de sequência de pormenores); Cognição ambiental (adaptação das ações do organismo do indivíduo aos objetos do meio) (Oliveira, 2013)⁵, sendo suas categorias de análise: **Legibilidade**-percepção da paisagem, por quem a observa é imediata, permitindo que a mesma tenha o sentimento de acolhimento, conforto, segurança e pertencimento; **Pregnância** - percepção da imagem provedora da sensação de inesquecível; **Individualidade** -sentimento de individualidade, mesmo se tratando de ambiente coletivo; **Continuidade** - transmite a perspectiva de amplitude e domínio de espaço; **Variabilidade** -transmite a sensação de diversidade formal e funcional, podendo essa ser negativa ou positiva; e **Complexidade** - proporciona a sensação de magnitude, provocando emoções fortes e até mesmo insegurança.

Dentro da limitação imposta, ficou decidido que a paisagem urbana analisada foi: Avenida Coronel Pilad Rebuah - Avenida Principal, especificamente as 04 primeiras quadras a partir da praça central, que são mais turistificadas.

4. Discussão dos Resultados

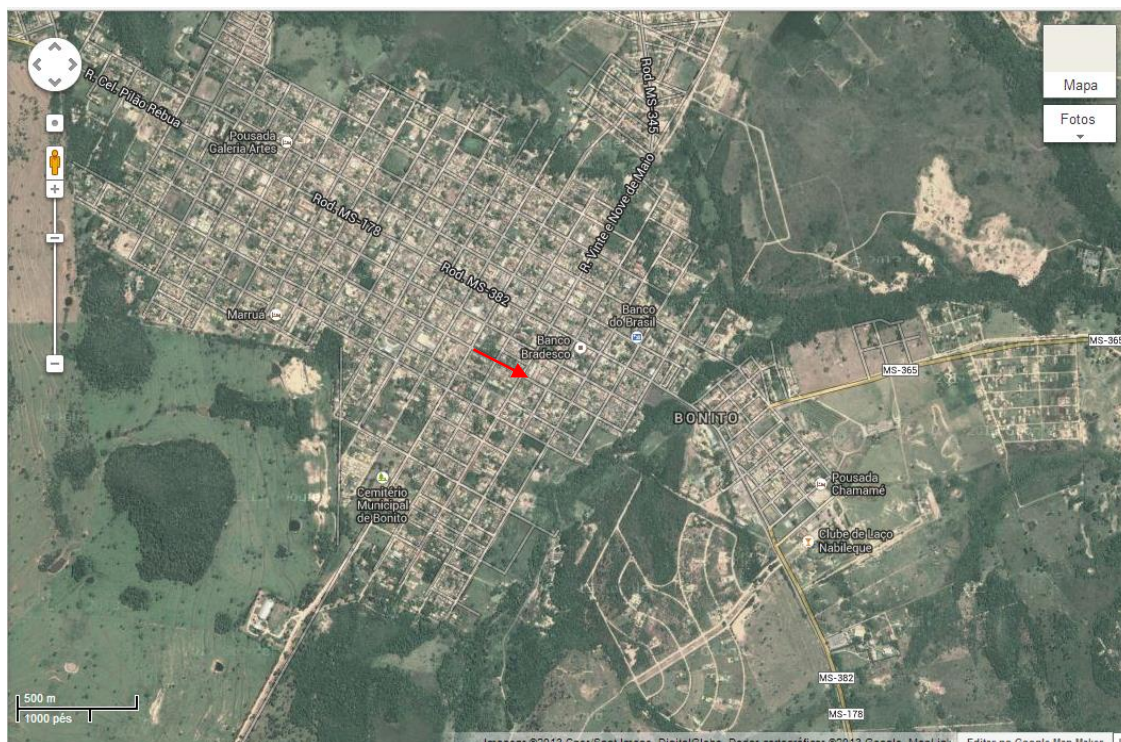
4.1 Caracterização do Município de Bonito-MS

Buscando localizar o município de Bonito-MS, bem como identificar sua região no território brasileiro, tem-se que o mesmo está localizado na micro-região geográfica denominada Bodoquena, na região sudoeste do Mato Grosso do Sul, a 320 km da Capital Campo Grande.

De acordo com Vieira (2003), as coordenadas geográficas do município são: Latitude Sul 21°07'16" e Longitude Oeste 56°28'55" W, com uma altitude média de 315 m acima do nível do mar, possuindo uma área total de 4.934 km². Sua população total (urbana e rural) é de 19.587 habitantes (IBGE, 2011).

Figura 4: Município de Bonito, a partir de uma imagem de satélite

⁵ OLIVEIRA, J. P. Notas de Aula da Disciplina **Paisagem e Infraestrutura no Ordenamento do Espaço Turístico** – Teorias da Organização – Balneário Camboriu: Santa Catarina, outubro de 2013.



Fonte: Imagem satélite – Google maps (2013).

Segundo Banducci Junior e Moretti (2001) o município de Bonito/MS compreende uma área de 4.934 quilômetros quadrados. Os limites entre o município de Bonito/MS são: leste - Nioaque; Noroeste - Anastácio; noroeste - Bodoquena; norte - Bodoquena; oeste - Porto Murtinho; sudoeste - Porto Murtinho; sudoeste - Guia Lopes da Laguna; sul – Jardim. Ao explicar a estrutura viária das rodovias que dão acesso a Bonito, Rizzo (2010) enfoca que são todas caracterizadas por pista única, com condições razoáveis de tráfego, interligando a cidade a Campo Grande e a outros municípios do Estado.

Por pertencer à bacia hidrográfica do Alto Paraguai e Sub-bacia do Miranda e Aquidauna, Banducci Junior e Moretti (2001, p. 133) apresentam que Bonito possui:

[...] como principais rios o Miranda e o Formoso. Outros rios se destacam: o Bacuri, o do Peixe, o Perdido, o Chapena e o da Prata. Por ser associado às rochas calcárias, o sistema hidrográfico em Bonito apresenta rios subterrâneos, sumidouros, ressurgências, além de águas cristalinas, resultado da grande quantidade de calcário nelas dissolvido, que promove a deposição de partículas no fundo do rio. Há também a presença de inúmeras cachoeiras. Todo esse conjunto hidrográfico proporciona grande beleza cênica às paisagens naturais de Bonito.

Considerando a riqueza hidrográfica da região de Bonito pode-se afirmar que parte das atividades turísticas praticadas nessa região, acontece junto aos rios, em propriedades que lidam tanto com o turismo e outras atividades, como a agropecuária.

Dentro do contexto hidrográfico local, destacam-se os rios: Formoso, Prata, Miranda, Peixe, Sucuri e Perdido. Não obstante, o município conta ainda com diversos córregos, a saber: Olaria, Restinga, Mutum, Taquaral e outros. A hidrografia apresenta rios subterrâneos, sumidouros e ressurgências (Cerdoura *et al*, 2008).

O clima da região de Bonito é tropical úmido. A temperatura média anual é de 22C°, tendo o período de estiagem duração média de 03 a 04 meses e a precipitações entre 1.200 a 1.700 mm por ano. Bonito encontra-se no relevo da Serra da Bodoquena. A vegetação da região é de cerrado, predominante, com uma parte de Floresta Estacional Decidual conhecida como mata seca. A característica desta floresta é a perda das folhas (Rizzo, 2010).

Boggianni (1999, *apud* Rizzo, 2010) ressalta que sua estrutura geológica é formada de rochas carbonáticas muito puras, possibilitando que as águas sejam infiltradas e ressurjam na planície abaixo, em olhos d'água que se transformam em rios límpidos e transparentes, tendo em seu percurso belas cachoeiras, passagens naturais de tufas calcárias e grutas de rara beleza. Em outras palavras, seu relevo caracteriza-se pela formação composta de rochas calcárias, o que é usualmente chamado de cárstico.

Geograficamente, Bonito está localizada próxima às Fronteiras do Paraguai e Bolívia, o que lhe conferem uma mescla cultural significativa para a atividade turística, perceptível na musicalidade, maneira de vida e gastronomia. Da mesma forma, pelo fato da região ter servido de palco para a Guerra do Paraguai, em um movimento denominado Retirada da Laguna, historicamente, a região do entorno do município possui forte destaque. Todas essas condições propiciam, ao município, pleno desenvolvimento da atividade turística.

Considerando que uma das características geográficas que tornam Bonito privilegiadamente localizada é o Planalto da Serra da Bodoquena ou simplesmente Serra da Bodoquena, Rizzo (2010) explica que parte da Serra da Bodoquena, na verdade, é um planalto que possui a escarpa voltada para o Pantanal. Esse planalto estende-se por 300 km (sentido norte-sul), pelos municípios de Bonito, Jardim e Porto Murtinho, o que mostra que o mesmo chega até as proximidades da fronteira com o Paraguai.

Figura 5: Localização Parque Nacional da Serra da Bodoquena

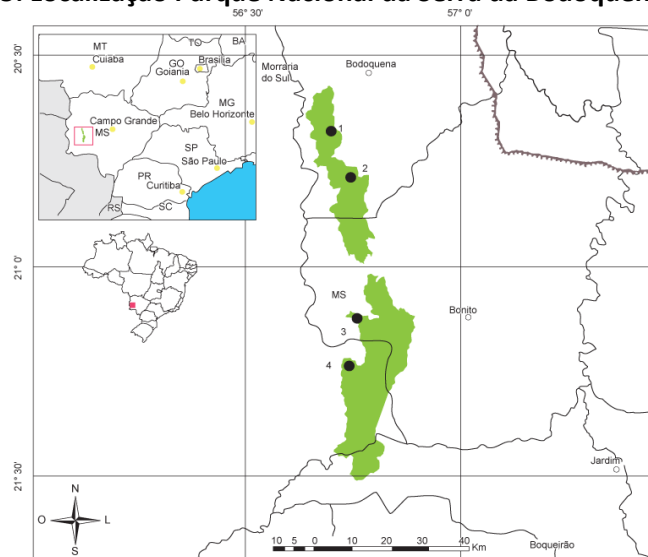


Figura 1. Mapa do Brasil com a localização do Parque Nacional da Serra da Bodoquena, estado de Mato Grosso do Sul (modificado de Ibama 2007). Os pontos referem-se aos quatro sítios de coleta, onde foram estabelecidos transectos para as amostragens (1: Fazenda Rancho Branco; 2: Fazenda Remanso; 3: Banhado do Perdido - Fazenda Laudéji; 4: Fazenda Harmonia).

Figure 1. Map of Brazil with the Serra da Bodoquena National Park, Mato Grosso do Sul State (modified from Ibama 2007). Points refer to the four collecting sites where transects were done for animal sampling (1: Fazenda Rancho Branco; 2: Fazenda Remanso; 3: Banhado do Perdido - Fazenda Laudéji; 4: Fazenda Harmonia).

Fonte: Souza, E. (s/d).

Banducci *et al* (2001) acreditam que foi no ano de 1993 que se iniciou a atividade do turismo no município de Bonito e região como atividade profissional. Com as suas belezas e rios cristalinos, fauna e flora, Bonito iniciou nova fase para a sua comunidade, oportunizando desenvolvimento coletivo e individual, melhorias na qualidade de vida, proporcionando um aumento econômico e agregando valor ao local e cuidados ambientais. Surgiram as construções de hotéis, restaurantes, agências de viagens receptivas, entre outros. Para os autores (2001) no ano de 1997 o comércio contribui com 41% do ICMS da cidade, tendo em vista que parte do comércio está relacionada à atividade do turismo. Dois anos antes a arrecadação era de 34%. O aumento da demanda da atividade de turismo na cidade aconteceu após um documentário realizado pela Rede Globo de televisão, sobre a Gruta do Lago Azul e a região, que falava do potencial turístico do Município e suas belezas naturais.

Atualmente, o município conta com mais de 30 meios de hospedagem, que somam em média 5000 leitos (o maior quantitativo do estado), mais de 30 agências de turismo e aproximadamente 4500 empregos registrados em carteira, na área do turismo.

Segundo Secretaria Municipal de Turismo no ano de 1986 foi criado o Conselho Municipal de Turismo - MS - COMTUR. Os Conselheiros do COMTUR representam as associações locais, sendo eleitos por voto direto e cumprem mandato de dois anos, que são: Associação Comercial, Associação dos Transportes, Associação Bonitense de Hotelaria, Associação de Agências de Turismo, Associação de Guias de Turismo, Associação dos Atrativos Turísticos, Associação de Operadores de Bote, Sindicato Rural e IBAMA. Os representantes do Executivo Municipal são: vice-

prefeito, Assessor Jurídico, Secretário de Turismo, Indústria e Comércio e um representante da Câmara de Vereadores.

Evidencia-se, dessa maneira, um desenvolvimento significativo da atividade turística no município.

Através do surgimento de outros atrativos e o aumento da demanda, foi que investidores locais e de fora começaram a investir na cidade em construções de hotéis, restaurantes, agências e outros. A prefeitura investiu em infraestrutura, pavimentação das rodovias, manutenção das estradas para o acesso até o município, propiciando melhorias na área urbana, manejo do lixo, o qual agora é depositado em um aterro sanitário diferente do que se conhece como lixão. Deu-se, também, a preocupação com o trato do esgoto.

Após algumas considerações desenvolvidas em torno da configuração geográfica, histórica e econômica do município de Bonito-MS, assim como seu entorno, evidencia-se que a região de Bonito apresenta um crescimento econômico crescente, em especial, pela agregação da atividade turística à pecuária, já existente.

Não obstante, esforços e planejamento da gestão turística local, fazem do município, modelo de gestão de destinos turísticos nacionais, o que, inclusive, lhe concede diversos prêmios, bem como o fato de ser considerado um dos 65 municípios indutores de turismo no país, de acordo com o Ministério de Turismo.

4.1.1 Análise da Paisagem urbana de Bonito-MS.

Antes de dar início ao processo de análise da paisagem urbana do município de Bonito, faz-se necessário ressaltar, que a metodologia de análise a ser aplicada utilizou-se daquela Proposta por Del Rio (1990), embora mereça apontamento o fato de que foram criadas pelos pesquisadores, em forma de ensaio, variáveis de análise, comuns à cada categoria de análise proposta pelo autor, no sentido de se detectar, mais facilmente, as conformidades e desconformidades da paisagem analisada. Trata-se de um exercício reflexivo acerca da proposta do autor *versus* capacidade de criação de variáveis, considerando inúmeros aspectos relacionados à paisagem urbana.

Após análise da imagem de cada paisagem, a metodologia criada pelos pesquisadores propôs que fossem preenchidos todos os quesitos da matriz como: conforme/desconforme e indiferente, para que, em seguida, a paisagem possa ser analisada em sua totalidade.

Sabendo-se que a análise da paisagem não é satisfatória considerando-se apenas a condição visual, o estudo também se utilizou, como outrora informado, das experiências e vivências de um de seus observadores, que residiu no município de Bonito, no período de 2009 a 2013.

Abaixo, matriz de análise criada pelos pesquisadores, baseado nas propostas de Del Rio, devidamente preenchida.

Categoria de Análise	Significado	Variáveis comuns à categoria	Conformidade e Desconformidade Não se aplica
Legibilidade	Paisagem possui elementos que permitem a percepção de forma imediata, possibilitando emoção e sensações como: Acolhimento/Conforto/Segurança e Pertencimento	Calçamento urbano de veículos homogêneo	S
		Calçamento urbano de pedestre homogêneo	S
		Limpeza das vias	S
		Existência de jardins convidativos	S
		Existência de locais de descanso convidativos e acolhedores	S
		Existência de sinalização de pedestre	S
		Existência de sinalização de veículos	S
		Manutenção das fachadas em boa conservação	S
		Iluminação adequada	Não se aplica
		Arborização adequada/suficiente para a região	N
		Decoração pertinente	S
Pregnância	Paisagem permite em seu processo de percepção, a sensação de encantamento, como algo inesquecível	Vista parcial/panorâmica da localidade	S
		Limpeza adequada	S
		Existência de Monumentos	N
		Existência de fachadas diferenciadas	S
		Existência de Iluminação Diferenciada	Não se aplica
		Existência de Contrastes Arquitetônicos	S
		Existência de Paisagismo diferenciado	S
		Existência de estilo arquitetônico genuinamente típico	N
Individualidade	Em se tratando de áreas de convívio coletivo, a percepção da paisagem proporciona sensação de individualidade, recolhimento e interiorização	Dimensionamento do espaçamento suficiente para não gerar sensação de aglomerado	S
		Existência de pontos de descanso retirados das regiões de grande movimento	N
		Existência de vegetação em quantidade suficiente para amenizar a projeção do concreto das	N

		construções	
Continuidade	A amplitude da paisagem permite a sensação de domínio do espaço	Amplitude na visão do espaço	S
		Continuidade da via de transporte	S
		Continuidade no tipo de pavimento da via de transporte	S
		Continuidade da via de pedestre	S
		Continuidade no tipo de pavimento da via de transporte	S
		Existência de elementos/monumentos que caracterizam e homogeneizam o espaço	S
		Arquitetura proporcional e balanceada	S
		Vegetação proporcional e balanceada	N
		Iluminação proporcional e balanceada	Não se aplica
Variabilidade	A paisagem é composta de diversidade em suas formas e funcionalidade (positiva)	Existência de quebra de visão do espaço ocasionada por possível diferenciação de angulação arquitetônica	N
		Existência de quebra de visão da via de transporte	N
		Existência de quebra de padrão de pavimentação da via de transporte	N
		Existência de quebra de visão da via de pedestre	N
		Existência de quebra de padrão de pavimentação da via de pedestre	N
		Existência de quebra de homogeneidade arquitetônica	N
		Existência de Monumentos/Elementos contrastantes	S
		Existência de regiões do espaço público diferenciadas (fontes/jardineiras)	S
Complexidade	A paisagem propicia sensação de magnitude e grandiosidade- icônica	Existência de edificações diferenciadas da totalidade	S
		Existência de padronagem	Não se aplica

		de iluminação diferenciada da totalidade	
--	--	--	--

Fonte: Os autores (2013).

Após apresentada a matriz de análise é que se iniciou o processo de análise da paisagem urbana.

As imagens analisadas são de autoria anônima, retiradas do *Google images, internet*, analisadas em pequenos agrupamentos.

Imagem 1: Vista parcial da Avenida Coronel Pilad Rebuáh



Fonte: Google images (2013).

Imagem 2: Vista parcial da Avenida Coronel Pilad Rebuáh



Fonte: Google images (2013).

Como resultado da análise das imagens apresentadas, pode-se dizer que a paisagem urbana de Bonito interpretada pelas fotos, transmite a idéia de **legibilidade**, ou seja, passa a sensação de segurança, conforto, acolhimento e pertencimento aquele que a observa. Um dos principais elementos de legibilidade da paisagem analisada, diz respeito à existência do pergolado em toda a extensão da parte analisada da avenida, que transmite forte sensação de acolhimento e proteção. Interessante perceber que a angulação da avenida e a existência do pergolado gera ao observador, ao final do dia, um efeito interessante no momento do pôr-do-sol, que parece acontecer em cada uma das barras da pérgola, conforme se caminha em direção à praça. A existência de um passeio público padronizado, com largura diferenciada e devidamente preparado para atender aos transeuntes com dificuldade física/visual, também geram sentimento de segurança e conforto, coroadas com a existência de jardineiras com flores da região. Uma crítica ao analisar a legibilidade da paisagem construída de Bonito diz respeito às floreiras da avenida, que foram construídas junto ao meio fio, atrapalhando a abertura das portas dos veículos estacionados. Urge ressaltar que um mesmo elemento que gera uma sensação positiva (a floreira), também gera uma situação negativa. Outro elemento capaz de gerar as duas sensações é a rua, com gabarito suficiente para período de baixa temporada, mas insuficiente em período de grande movimentação, quando deixa de ser acolhedora e segura. Trata-se de uma condição posteriormente apresentada.

Da mesma forma, pode-se afirmar que a paisagem transmite o sentimento de **pregnância**, considerando que alguns de seus elementos, por serem diferenciados (pérgolas da rua), geram ao observador, o sentimento de inesquecível, de querer regressar. É bastante evidente que o elemento marcante da avenida analisada diz respeito ao trato paisagístico dado através das

pérgulas, que geram efeitos diferenciados nos diversos horários do dia, locais de observação e angulação da via. De qualquer maneira, ao considerar os elementos culturais da região (cultura indígena, paraguaia, do homem pantaneiro), pouco se percebe a valorização cultural local nessas construções paisagísticas da avenida Coronel Pilad Rebuah. Inclusive, sabe-se por vivência no município, que parte da população local critica a obra das pérgolas, já que ela foi responsável pela retirada de árvores características do bioma cerrado, de idade avançada, que geravam sombra e maior controle de temperatura no local.

No que diz respeito à sensação de **individualidade**, mesmo Bonito sendo uma pequena cidade de interior, a paisagem gerada não transmite a sensação de individualidade, já que a cidade sempre possui certo movimento de turistas e veículos. Tendo em vista que a parte analisada da avenida é aquela que abriga a maior parte dos restaurantes, bares e lojas de artefatos turísticos, a movimentação de transeuntes é constante, sendo o horário comercial de funcionamento, inclusive diferenciado, para atender às inúmeras demandas existentes. A movimentação se acentua em determinados horários e em datas específicas, consideradas “alta temporada”. Existem rumores, inclusive, de que a parte analisada da Avenida venha a se transformar, no futuro, em um calçadão, justamente para que ela possa transmitir aos turistas e autóctones, maior sensação de acolhimento, conforto, segurança, identidade, etc.

Sobre a **variabilidade**, pode-se afirmar que a paisagem urbana de Bonito não transmite sensação de variabilidade, já que seus elementos são bastante padronizados, da mesma maneira que a paisagem urbana de Bonito não pode ser considerada **complexa**. Por ser uma cidade de pequeno porte e por ser a região compreendida por um solo bastante arenoso, não é permitido no município a construção de edificações elevadas. Isso faz com que a cidade possua uma padronização de edificação. Daí a não existência de quebra de padrões de construções, vias, etc. Embora toda a riqueza cultural local, pouco se percebe, nas edificações, algum tipo de valorização de tais aspectos, com exceção de lojas e/ ou restaurantes pontuais. Não havendo variabilidade na paisagem, conseqüentemente, a mesma acaba por não se configurar complexa, ou seja, sem a existência de elementos que se caracterizem por magnitude ou mesmo insegurança. O único ícone que, de certa forma, gera a sensação de magnitude, segurança, certo conforto estético e continuidade é o pergolado existente.

Embora o presente trabalho tenha desenvolvido apenas uma demonstração da aplicabilidade da análise de paisagem urbana, a partir dos conceitos abordados por Del Rio (1990), propiciados pela criação de uma matriz composta de variáveis de análise, merece menção o fato de que uma mesma paisagem pode apresentar significados diferentes, quando observada por outro indivíduo ou, ainda, em diferentes épocas do ano (verão, inverno, época de chuva, estiagem, alta temporada, baixa temporada, noite, dia). Por esse motivo, mesmo não acontecendo a análise efetiva da paisagem urbana em outros momentos, como os mencionados, optou-se por apresentar, a seguir, imagens da mesma localidade, em épocas diferentes, que gerariam outro resultado de análise.

Imagem 3: Vista parcial da Avenida Coronel Pilad Rebuáh em período de alta temporada (férias escolares e feriados nacionais)



Fonte: Google images (2013).

Imagem 4: Vista parcial da Avenida Coronel Pilad Rebuáh em período noturno



Fonte: Google images (2013).

Considerações Finais

Conclui-se que o conceito de paisagem, seja ela natural ou cultural, é impregnado de subjetividade. Daí a condição de que muitas vezes, uma única paisagem pode ser interpretada de diversas formas, dependendo de seu observador e de outras variáveis, como condições de clima, horário, etc.

Evidenciou-se, ainda, a total relação que o conceito de paisagem tem com o que se conhece por percepção ambiental, já que a análise de paisagem está intrinsecamente ligada à percepção do indivíduo.

Para Machado (1988), embora todos os seres humanos sejam providos de órgãos de sentidos similares, a maneira como as suas capacidades são utilizadas são distintas; como resultado, diferem tanto a capacidade real dos sentidos, como as atitudes que possuem para com o meio em que se encontram.

De qualquer maneira, o interesse e curiosidade pelas categorias propostas pelo autor Vicente Del Rio (1990), permitiram com que fosse desenvolvida uma matriz de análise, com vistas a facilitar o andamento da análise de paisagem urbana, o que particularmente, parece ter gerado um resultado positivo, servindo, inclusive, para auxílio em estudos vindouros.

Buscar-se-á colocar em teste a matriz criada para que, no futuro, a mesma possa ser compartilhada e discutida com os pares.

A condição de criação de uma ferramenta de análise, propiciará que a paisagem urbana de inúmeras destinações turísticas possam vir a ser executadas, da mesma forma, que este tipo de estudo não deixa de auxiliar as próprias ações desenvolvidas pelos órgãos planejadores de Turismo, que visa, essencialmente, qualidade de vida do autóctone e de visitação ao turista.

Referências

- BANDUCCI, A.; MORETTI, E. C. (2001). **Turismo e identidade local**: uma visão antropológica. Campinas: Papirus (coleção turismo).
- BENI, M. (2002). **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC.
- BERTALLANFY, L. V. (2012). **Teoria geral dos sistemas**: fundamentos, desenvolvimentos e aplicações. 6 ed. Petrópolis: Vozes.
- BERTRAND, G. (1972). Paisagem e geografia física global: esboço metodológico. **Cadernos de Ciências da Terra**, São Paulo: Instituto de Geografia da USP, n. 13.
- CRUZ, R. C. A. (2002). **Introdução à geografia do turismo**. São Paulo: Roca.
- DEL RIO, V. (1990). **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini.
- EMBRATUR – Instituto Brasileiro de Turismo. (1994). **Manual de municipalização do turismo**. Brasília: Embratur.
- GOELDNER, C. R.; RITCHIE, J. R; MC'INTOSH, R. W. (2002). **Turismo**: princípios, práticas e filosofias. Porto Alegre: Bookman.
- GÓMEZ ORTIZ, A. (2001). El paisaje como tema transversal en el diseño curricular base de la educación obligatoria. **Revista Bibliográfica de Geografía y Ciencias Sociales**, Barcelona, n. 267. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/b3w-267.htm>>. Acesso em: 15 jan. 2008.
- HALL, M. (2001). **Planejamento turístico**: políticas, processos e relacionamentos. São Paulo: Contexto.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 10 apr. 2013.
- MACHADO, L. M. C. (1988). **A serra do mar paulista**: um estudo da paisagem valorizada. Rio Claro: ICGE-UNESP (Tese de Doutorado).
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. (2006). **Técnicas de pesquisa**: planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados. São Paulo: Atlas.
- MOREIRA, M. A. N. (2010). **Turismo e interpretação das fazendas, caminhos e aglomerados rurais**: roteiros de Alto Rio Doce-MG. Universidade Federal de Minas Gerais-UFMS. Belo Horizonte (Dissertação de Mestrado).
- OLIVEIRA, J. P. (2013). Notas de Aula da Disciplina **Paisagem e infraestrutura no ordenamento do espaço turístico** – teorias da organização – Balneário Camboriu: Santa Catarina, outubro.
- OLIVEIRA, L. (2001). Percepção do meio ambiente e geografia. **OLAM – Ciência & Tecnologia**. Rio Claro, vol. 1, n. 2, p. 14-28, novembro.
- _____. (2000). Percepção da paisagem geográfica: Piaget, Gibson e Tuan. **GEOGRAFIA**, Rio Claro, vol. 25 2): 5 –22, agosto.
- PADILHA, R. M. (2011). **Olhar dos bonitenses em residir em um local turístico**. Monografia apresentada ao Curso de Turismo e Meio Ambiente - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul Campus de Bonito-MS.
- PETROCCHI, M. (2001). **Gestão de polos turísticos**. São Paulo: Futura.

- RIZZO, M. R. (2010). **Encontros e desencontros do turismo com a sustentabilidade**: um estudo do Município de Bonito. 2010. 511f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal Paulista.
- ROCHA Y. T. (2008). Teoria geográfica da paisagem na análise de fragmentos de paisagens urbanas de Brasília. São Paulo e Rio de Janeiro. **Revista Formação**, n.15 volume 1 – p.19-35.
- ROCHA, S. A. (2007). Geografia humanista: história, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo. **R. RA´E GA**, Curitiba, n. 13, p. 19-27. Editora UFPR.
- SANTOS, M. (1996). **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec.
- SANSOLO, D. G. (2002). **Planejamento ambiental e as mudanças na paisagem do núcleo Picinguaba do parque estadual da Serra do Mar, Ubatuba**. Departamento de Geografia. São Paulo:USP (Tese de Doutorado).
- SOUZA, E. (2013). **Conhecendo a Serra da Bodoquena**. Disponível em <http://www.bdcmensagens.blogspot.com.br/p/conhecendo-serra-da-bodoquena.html#!/p/conhecendo-serra-da-bodoquena.html>>. Acesso em: 24 jul.
- TRICART, J. (1977). **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: IBGE/SUPREN.
- TUAN, Y.F. (1980). **Topofilia**. São Paulo: Difel.
- VIEIRA, J. F. L. (2003). **Voucher único**: um modelo de gestão da atividade turística de Bonito-MS. 97f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Local) – Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Local, Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande.